

## O socializador das memórias da Revolução de Mao

Deysi Cioccarì

“A vida se encolhe ou se expande proporcionalmente à coragem da pessoa”. A frase da escritora francesa Anaïs Nin parece muito adequada às decisões tomadas por Li Zhensheng, fotógrafo que realizou o registro fotográfico completo da Revolução Cultural da China (1966-1976). Mesmo sendo um fotojornalista da imprensa oficial de Mao-Tse-Tung, Li não se contentou em registrar somente o lado belo (*the clouds*) da Revolução Cultural Proletária, objetivo pelo qual havia sido contratado. Com extrema consciência de seu lugar social na história, Li arriscou-se e fotografou também o lado sombrio (*the winds*) daquele movimento.

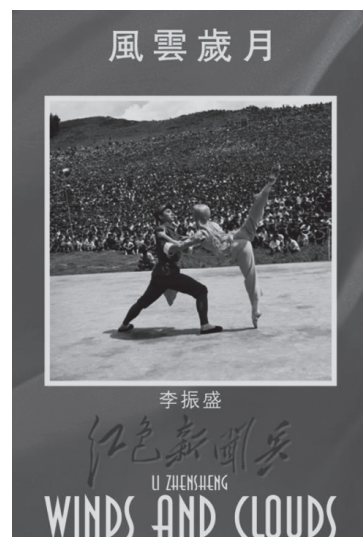
Hoje, um dos mais reconhecidos fotógrafos chineses do mundo, Li Zhensheng traz à tona um lado da Revolução Cultural desconhecido no Ocidente, somente possível após a decisão de, em 1968, em meio ao fervor da revolução, esconder no assoalho de sua casa, os negativos fotográficos sobre o outro lado desse movimento.

Ao final da década de 1950, o líder do Partido Comunista chinês Mao Tsé-Tung, que governava a República Popular da China desde sua criação, em 1949, decidira virar o país do avesso. O “Grande Salto para Frente”, decretado por Mao para arrancar o país do atraso, exigiu da população “três anos de esforços e privações” em troca de “mil anos de felicidade”. Primeiro veio a coletivização do campo. A etapa seguinte, que prometia ao país uma arrancada urbana e modernização tecnológica, resultou numa das grandes devastações humanas da era moderna. Estima-se que entre 18 milhões e 45 milhões de chineses morreram de fome durante o Grande Salto.

### Winds and Clouds

Li Zhensheng

Washington DC  
Uaca US Asian  
Cultural, 2012. 109 p.



Nesse desenrolar caótico, Li era um jovem apaixonado por cinema. Ingressou na Escola de Cinema de Changchun, bastante avançada para a época. Porém, com a Revolução de Mao em curso, estudar cinema nesse período tornou-se algo impensável. Foi então que Li passou a atuar como repórter fotográfico do *Diário de Heilongjiang*, o mais importante da província, com tiragem de 270 mil exemplares. Chegou à redação em 1963, aos 23 anos de idade, na fase ainda embrionária da Revolução Cultural e de lá só partiu quase duas décadas depois.

As dúvidas sobre seu papel no registro histórico da Revolução de Mao começaram quando o jovem fotógrafo presenciou a humilhação pública de monges em 1966. De frente para as massas, costas e cabeça curvadas, o olhar no chão e uma pesada placa difamatória pendurada no pescoço. Não raro a penitência incluía portar um chapéu circense em forma de longo cone com inscrições ofensivas, para acentuar a degradação. Na imagem de Li, como ele mesmo descreve, as pessoas estão com o rosto “perdido”.

Naquele dia, Li ordenou aos monges enfileirados num estrado que erguessem a cabeça e olhassem para a câmera. Captou, assim, a imagem do grupo em raro movimento individual, devolvendo-lhes identidade e alguma humanidade, característica que o acompanharia desde então.

### ● O registro histórico

Percebendo a importância de seu trabalho que registrava todos os lados de uma revolução que só permitia uma voz, Li passou a esconder no assoalho de sua casa os negativos que registravam a parte “sombria” da revolução. Iniciava-se então, a salvaguarda do maior registro fotográfico da Revolução de Mao. Influenciado por dois grandes fotógrafos, o jovem Li tinha certeza de que seus registros eram valiosos. Foi do fotógrafo Wu Yinxian Chien, que ouviu que tinha de ser testemunha e registrador da história por inteiro. Seu mestre do Ocidente foi Henri Cartier-Bresson. Ele visitou a China a convite do governo para conhecer o país e elogiar o comunismo, mas também fez algumas críticas. Vários criticaram Cartier-Bresson por isso, mas Li não viu nada de errado.

Li saía a campo munido de uma *Rolleiflex* com lente de 80mm e de uma *Leica M3* com duas lentes. Sem zoom, sem fotômetro e pouco recurso de flash. Adaptava recursos do cinema e, o que se vê hoje, são imagens em sequência impensáveis para a época. Ele mesmo admite que fazia os registros pensando em como seriam feitos se fossem para o cinema. Diante disso, fica evidente a influência do filme *O Encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein.

### ● Ventos e Nuvens

*Red-Color News Soldier* (Soldado vermelho da imprensa) somente chegou às livrarias em 2003, já com o clima político mais ameno. O título é a tradução literal da inscrição na braçadeira de honra de Guarda Vermelho

que conserva até hoje. Uma incrível coleção de Li Zhensheng de fotografias que documentam o curso da Revolução Cultural, pela primeira vez apresentou uma testemunha ocular autêntico dos eventos que abalaram a China entre 1966 e 1976. Este livro, publicado para coincidir com a exposição “Ventos e nuvens” em Beaugeste Photo Gallery, em Xangai (janeiro a abril de 2012), apresenta seleções dessa série icônica.

Uma das fotos emblemáticas do livro resulta de uma resolução de Li. O fotógrafo deixava sempre dois negativos para o caso de haver algum “flagra” a caminho da redação. Como isso raramente acontecia, ele passou a usar essas “sobras” para fazer autorretratos. Em uma de suas imagens mais marcantes, Li aparece com a camisa aberta, na qual Jeah Lo, curador de sua mostra, define como uma “pose heroica onde o peito aberto lembra a figura mártir da iconografia cristã de San Sebastian, que geralmente é representado em pinturas clássicas amarrado a um poste e transpassado por setas”.

Li mudou-se da província de Heilongjiang para a capital do país em 1982, com o fim da Revolução Cultural. Assumiu o cargo de professor de Fotografia do Departamento de Jornalismo da Universidade de Pequim. Somente em 1988, por ocasião de uma mostra coletiva intitulada “Deixe a História narrar o Futuro”, que decidiu mostrar pela primeira vez vinte imagens feitas em 1966 e 1967.

É considerado por muitos um guardião de memórias. Na verdade, Li Zhensheng é um socializador de memórias e de histórias. Poderia ter guardado as imagens para sempre ou tê-las esquecido. Mas não, compartilhou com o mundo inteiro um capítulo que teria ficado completamente apagado na história da China não fosse esse fotógrafo tão consciente de sua importância e sua inserção social.

*Deysi Cioccarì – Doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)*